

Um olhar sobre a prática pedagógica em Arte de Petrolina/PE

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos
flapedrosa@gmail.com
Leiliane Oliveira Chaves Coelho
leilinha_coelho@hotmail.com
Inajara de Moraes Perez
inajara.peres@univasf.edu.br
Cinara Cristiane de Oliveira Leandro
cinarapordeus@hotmail.com
Mércia das Virgens Santos
merciavirgens@gmail.com
Daniela de Menezes Nunes
dani_psi872@hotmail.com
Dayane Pereira de Oliveira
day_oliveira2@hotmail.com
Alessandra Barros Viana
abvxuxinha@hotmail.com
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Resumo

Trata-se de uma pesquisa organizada a partir do grupo de trabalho (GT) designado de “Ensino de Arte”, no Núcleo Temático Políticas Públicas e Educação (NUTEPP) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), realizado em 2009. Teve como objetivo levantar informações sobre como se encontrava o ensino da Arte, em Escolas Públicas, no Município de Petrolina em Pernambuco, através da visão de alguns professores que lecionam a disciplina Arte e de entendimentos acerca de sua prática pedagógica. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com entrevistas e constante diálogo com os professores nas escolas, pôde-se identificar as principais dificuldades, necessidades e possibilidades que atravessa o professor de Arte. Procurou-se refletir, em diálogo, sobre as condições em que se encontra a disciplina de Arte no currículo e na prática cotidiana das escolas investigadas, e nesse ponto, sobre a necessidade de mudanças no contexto encontrado.

Palavras-chave: práticas de ensino em Arte, formação do professor, Arte/educação .

Considerações sobre a pesquisa e conceituações históricas em ensino de Arte

A pesquisa desenvolveu-se com determinação de levantamento de informações sobre como está o ensino de Arte através da visão do professor, que leciona a disciplina em escolas públicas de Petrolina; sua formação pedagógica, necessidades, dificuldades e possibilidades.

No Brasil, o ensino de arte foi estabelecido oficialmente pela Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro e ministrado por artistas da Missão Artística Francesa, na década de 1890. As perspectivas didáticas dos artistas franceses estavam aliadas a um paradigma metodológico a ser disposto nas aulas de artes e no ensino/aprendizado sem correlações com seus aspectos intrínsecos e distantes do meio em que agiam: a visão do artista de ateliê, do objeto de arte descontextualizado do meio no qual ele era criado, do aluno de artes como aprendiz de ofício, do professor de artes como repassador de técnica.

Na década de 1870, período de grandes modificações culturais, não só no Brasil, mas, também, no mundo, o ensino de Arte foi voltado para a formação de artistas, com ênfase no entendimento das habilidades e competências em quatro vieses das artes plásticas: desenho, pintura, escultura e gravura.

Entre 1890 e 1920 predominavam, no Brasil, a reprodução copista, o desenho geométrico, o desenho de ornatos e a reprodução de moldes. A partir de 1920, a Arte é embutida no currículo escolar como atividade integrativa, ou seja se traduzia numa didática em que servia de apoio ao aprendizado de outras disciplinas, com a propagação do tecnicismo através dos exercícios que estimulavam a cópia.

Com a Semana de Arte Moderna, em 1922, a Arte/Educação no Brasil teve um grande impulso, com as ideias da teoria livre-expressionista, trazidas por Mário de Andrade e Anita Malfatti. Vasconcelos (2010) explicita o assunto:

“Na teoria da livre-expressão, arte é auscultada como conhecimento próprio, que deve ser valorizado e refletido... o ensino de artes como educação que promove um crescimento estético que possui não uma racionalidade, mas uma lógica processual interna, muito mais ligada ao subconsciente, possuindo questões que vão além dos limites da racionalidade científica.”

A partir dos anos 1950, além de Desenho, começaram a fazer parte do currículo escolar as disciplinas: Música, Canto e Trabalhos Manuais, que mantinham de alguma forma o caráter e a metodologia do ensino artístico anterior. O ensino e a aprendizagem estavam concentrados na transmissão de conteúdos a serem reproduzidos, não se preocupando com a realidade social, o contexto histórico e nem com as individualidades dos alunos.

O ensino de teorias e práticas em Artes Plásticas, da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, logo se espalhou por outras escolas de belas artes do país, perpetuando a visão tecnicista do artista nos ambientes educacionais e excluindo do currículo das escolas e dos assuntos tratados no fluxograma dos cursos de graduação a concepção de ser arte/educador. Para os que buscavam conhecimentos teóricos e pedagógicos, se deparavam (e ainda se deparam em diversos casos), com um ensino desatualizado didaticamente, metodologicamente e conceitualmente.

Em relação ao ensino de Arte, só foi incluído no currículo escolar por causa de promulgação de lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº. 5.692/1971, com a denominação de educação artística sendo considerada uma atividade educativa e não uma disciplina. Essa Lei representou uma conquista por ter dado sustentação legal a tal prática educacional, que foi apenas reconhecida a arte/educação como campo de conhecimento e cognição através da LDBEN 9.394/1996.

Por isso, o resultado da lei 5.692/1971, foi contraditório e paradoxal: ao mesmo tempo em que incluía a disciplina nas escolas, deixava margens para a noção de polivalência no ensino de Arte, abrangendo todas as áreas de expressão na época (artes plásticas, teatro, dança e música) e trazendo diversos desvios e interpretações equivocadas das tendências pedagógicas e concepções metodológicas do ensino de Arte no Brasil.

Contribuiu, assim, para duas visões divulgadas até os dias de hoje sobre o ensino de Arte, conforme Vasconcelos (2010) enuncia, a de arte como disciplina inútil, sendo defendida nas aulas, quando o professor não problematiza em suas práticas, ao usar exercícios repetitivos sem finalidade aparente ou deixando os alunos “livres para criarem” o que quisessem, muitas vezes sem temática definida, tornado o ambiente das aulas de artes visuais enfadonho e tedioso.

A arte na visão de utilidade é enfatizada quando o professor conecta suas atividades de produção artística com os alunos às datas comemorativas, tendo como principal objetivo a produção de um objeto específico que celebraria a data, remetendo em alusão diretamente a ela e a seu significado direto, não relendo as entrelinhas histórico-sociais da data comemorativa enquanto instrumento de ressaltar determinado tema, pessoa ou acontecimento.

Para que a Arte surgisse como componente curricular, reconhecidamente importante como conhecimento específico na educação escolar brasileira, teve que percorrer por um longo processo histórico permeado de inter cruzamentos de concepções estéticas, filosóficas e pedagógicas, de visões de mundo e de convicções políticas, ou seja, uma teia de significados múltiplos e de múltiplos indivíduos que lutaram para que isso ocorresse.

Só a partir da década de 1990, é que as primeiras manifestações associativas com o movimento brasileiro de Arte/Educação, elencado pela Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB), se preocupou com a educação escolar, sendo uma influência importante para a promulgação LDBEN, nº 9.394, de 1996. Esta lei, além de tornar obrigatório o ensino da disciplina Arte, representou avanços conquistados após longo processo de debates, conscientização, organização e mobilização por parte dos profissionais da Arte/Educação.

Embora a disciplina Arte tenha conseguido, por meio da LDBEN de 1996, estar nos currículos escolares como área de expressão e conhecimento, isso não acontece na prática, permanecendo ainda nas concepções de utilidade ou inutilidade, servindo nos currículos como área sem especificidade, em grande maioria das escolas brasileiras.

Compreende-se que o conhecimento em Arte é importante para a formação de qualquer indivíduo, pois além de integrar as pessoas, faz com que elas tenham outra forma de se expressar, podendo através dela demonstrar aquilo que se sente ou pensa, além de fazer com que a pessoa tenha uma análise crítica daquilo que vê, ouve ou faz, tendo assim, uma base para construir uma ideia, projeto ou ação.

Através disso, pode-se perceber que o estudo da Arte estimula o pensamento crítico e problematizador, principalmente no que tange a compreensão das visualidades, teatralidades e musicalidades, presentes no cotidiano dos indivíduos.

Entendimentos metodológicos

O questionamento que guiou o GT Ensino de Arte refletiu acerca das dificuldades, necessidades e possibilidades as quais o professor que atualmente leciona a disciplina tem: Como, são concebidos ensino de Arte, Arte/educação e práticas de ensino pelos professores em escolas públicas estaduais e municipais de Petrolina/PE?

O percurso metodológico dos caminhos investigativos se deu por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. No estudo bibliográfico, houve revisão e leitura aprofundada em literatura atualizada acerca da legislação brasileira que trata das conceituações em prática do ensino de Arte, assim como de textos de pesquisadores da área de ensino/aprendizado em Arte.

Na pesquisa de campo, foram feitas visitas em várias escolas, mas somente nove, 4 estaduais e 5 municipais aceitaram participar da pesquisa. A não participação decorreu da inexistência de um professor de Arte na escola ou a recusa desse profissional, em participar.

Foi privilegiada uma abordagem qualitativa, pois no momento da entrevista foi construído um espaço dialógico, perpassado pelos significados dos participantes, ou seja, dos entrevistados e do pesquisador, com o objetivo de buscar informações sobre o ensino de Arte na visão do Arte/educador em escolas públicas de Petrolina/PE.

As informações foram colhidas através de questionário e entrevista semi/estruturada. Participaram da entrevista 05 professores que lecionam a disciplina Arte, todos do sexo feminino. Uma das entrevistas foi áudio/gravada e posteriormente transcrita e quatro entrevistas foram respondidas manualmente pelos professores entrevistados. As idades dos professores variavam de 32 a 46 anos.

O tempo de trabalho na área de formação é de 10 a 27 anos; sendo que o tempo de trabalho na disciplina de Arte variava de 10 meses a 27 anos. Foi dado o pseudônimo de “A”, “B”, “C”, “D” e “E” para preservar a identidade das entrevistadas. O material colhido foi submetido à análise, sendo relacionado ao conteúdo visto no grupo de trabalho Ensino de Arte do NUTEPP na UNIVASF.

Discussão dos resultados

Na definição, a palavra arte tem origem latina “ars” que significa técnica ou habilidade. Fischer (1987) tem uma concepção além das competências e instrumentalidades, quando reflete sobre o termo ao conceber que a Arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo.

Quanto mais vasta é a visão de mundo e a experiência de vida do artista, maiores são suas possibilidades de expressar verdades humanas universais e emocionar seu público. Como explicita Barbosa (2009), a Arte não é apenas básica, mas essencial na educação de um país que se desenvolve. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo.

Como conteúdo, a arte representa o melhor trabalho do ser humano. O trabalho da Arte através dos indivíduos é um tecer e refinar os sentidos, possibilidades interpretativas, questionamentos, alargando a imaginação, e assim, potencializando a cognição.

Como se pode observar, muitos são os conceitos de Arte variando de pessoa para pessoa; então com base nisto, foi solicitado aos professores entrevistados que relatassem suas concepções de Arte, as quais foram vistas como: “... Arte é expressar (seus) sentimentos, tudo que criamos todos os produtos do trabalho e do pensamento. Um conjunto sistêmico de representações, símbolos, ideias, valores, de crenças, de saberes e de expressões criativas.” (“A”), “Criatividade, desenvoltura e sensibilidade” (“B”), “Beleza, movimento, sensibilidade” (“D”), “Tudo que envolve a cultura de um povo pode ser representado por uma manifestação artística”. (“C”), “É a beleza que está em tudo” (“E”).

Nota-se que a Arte foi caracterizada de diversas formas e todas podem ser consideradas como Arte, pois envolve elementos da estética, da expressão, do sentimento, além da visão de mundo da cada um. A Arte seria então, para esses professores, a criação humana com valores estéticos, os quais sintetizam a sua história, sua cultura e suas emoções.

A partir dos relatos dos professores entrevistados, verificou-se que todos não possuíam formação na área em que atuavam; são profissionais de outras áreas como: Geografia, Pedagogia, Letras e História. Essa foi uma das dificuldades mais apontadas pelos participantes da pesquisa, pois acabam não tendo arcabouço teórico/conceitual e prático/reflexivo em Arte,

para aplicar na disciplina como poderiam, reduzindo-a uma presença descontextualizadora e sem especificidade no currículo escolar.

Esses professores sentem que é necessário e importante o aprimoramento ao se depararem com a insegurança ao lecionar a disciplina. Entretanto, em Petrolina/PE, há uma ausência de pós-graduação ou formação continuada consistente.

A necessidade de um profissional ser formado na área, justamente a outras questões da política educacional brasileira, fez com que fosse elaborada a LDBEN 5.692, de 1971, e, em 1996, a LDBEN 9.394. No entanto, observa-se, que não é isso que vem acontecendo, pois a maior parte dos profissionais no país não têm formação em Arte, nem se especializaram na área, o que desqualifica a docência em Arte e reproduz modelos ultrapassados historicamente.

Esses profissionais, geralmente improvisam, já que não possuem conhecimento teórico que enriquecesse suas práticas, citam a carência de formação como principal barreira para se ensinar Arte na escola, como pode-se perceber no excerto a seguir: “Tenho dificuldades por não ter formação nem experiência com essa disciplina”. (“C”)

Outro professor, atribui a dificuldade no ensino de Arte à questão de materiais para lecionar as práticas artísticas, demonstrando a concepção da disciplina ligada a ideia de utilidade, com fim a realizar um produto/objeto com materiais para se ter uma qualidade: “É a questão do material que não temos no momento” (“E”).

Verifica-se que, além da falta de especialização na área de Arte, os recursos materiais para as práticas artísticas, são escassos ou inexistentes, deixando de lado os anteparos necessários para que se tenha o mínimo de aprendizado na disciplina, no que tange ao ensino de Artes Visuais, o que acaba prejudicando as atividades nesta área expressiva. Dessa forma, nota-se que o ensino da Arte, é colocado também pelos gestores educacionais em segundo plano, ao silenciar para produção de formações continuadas consistentes na área.

Outro fator importante perguntado aos professores foi a respeito das condições de trabalho e a existência de alguma sala específica para Arte. As condições de trabalho na disciplina são vistas pela maioria dos professores entrevistados como precárias e os materiais utilizados geralmente são de reciclagem, trazidos pelo professor ou pelos próprios alunos, e em todos os casos não existe nenhuma sala específica para se trabalhar com o ensino de Arte, conforme os depoimentos abaixo: “As condições oferecidas pelo governo estadual são precárias, começando pela falta de capacitação oferecida nesta área. Trabalhamos muito com sucata”. (“A”)

A falta de atenção por parte das políticas públicas educacionais e até mesmo da gestão escolar com relação à disciplina de Arte, possibilita além do esvaziamento da área no currículo das escolas, a desarticulação do ensino/aprendizagem de professores e alunos, conseqüentemente, reproduzindo e refazendo modelos e moldes acerca de conceitos, técnicas, possibilidades artísticas que nem questionam nem se direcionam ao tempo em que vivemos.

Perguntou-se também sobre o processo pedagógico que o inseriu como professor da disciplina de Arte, como também qual seria a função, para esses professores, do Arte/educador. O que se observa é que esses professores lecionam Arte porque precisam cumprir carga horária, pela falta de professor especializado ou até mesmo pela identificação com a Arte, como pode ser compreendido nos discursos enunciados por eles: “Falta de professor com habilidade (formação adequada) para trabalhar com artes”. (“B”), “Foi por não ter carga horária em língua portuguesa”. (“C”), “O que me levou a trabalhar com artes foi minha paixão que tenho por todos os estilos de expressão artística, nos seus múltiplos aspectos”. (“A”)

Cada uma dessas opiniões demonstra a desarticulação entre teorias, leis e cotidiano das práticas de ensino em Arte, seja pela reposição de carga horária de um professor de outra área, que fez uma graduação para determinado fim e não o de se lecionar Arte, seja pela identificação de um professor de outra área que se identifica com a área de Arte, porém não tem formação necessária para desenvolver habilmente e qualitativamente o ensino/aprendizado em sua didática.

Por isso, quando foi questionado sobre qual a visão que esses professores tinham da função do arte/educador, percebeu-se que, muitos deles não são verdadeiramente arte/educadores, como o professor “A”, que se identifica com a disciplina, explicita: “Um arte/educador é aquele que educa através da arte, e para isso eu precisaria ter formação específica” (“A”).

Como se pode notar, o entrevistado “A”, mostra que tem consciência da necessidade de aprimoramento especializado para a disciplina, o que nos vem a perguntar onde estão as formações continuadas em Arte nas escolas públicas de Petrolina/PE e a quem estas formações estão sendo destinadas, se não são aos professores de Arte? Este questionamento nos auxiliará em futuras pesquisas sobre o assunto.

As escolas que os professores entrevistados lecionam não possuem formação continuada em Arte, e se existe, não são inseridas. O que acaba complicando ainda mais o andamento e o desenvolvimento do ensino de Arte. Isso faz com que a maioria dos professores fique presa à ideia de que a Arte esteja ligada somente a atividades técnicas descontextualizadas, não possibilitando a criticidade, a contextualização e problematização da arte e da cultura, de suas narrativas históricas, das produções e práticas artísticas na humanidade.

Quando perguntados do que se é esperado de uma formação continuada em Arte, os professores apresentaram diversos desejos, expostos como aprender sobre: “Reciclagem e dobraduras” (“B”), “... Desejo ainda, mesmo em final de carreira, na escola pública contribuir e despertar talentos nos nossos alunos” (“A”), “A arte como transformadora do mundo” (“C”) e “... sair como muita bagagem para praticar em sala de aula com nossos alunos” (“E”).

Em relação às futuras perspectivas na disciplina, os profissionais corroboraram que desejam uma melhora no ensino de Arte, bem como a formação continuada na área: “Gostaria muito de participar de capacitações em artes cênicas e danças populares” (“A”), “Que os professores tenham uma formação em artes” (“B”), “Que as aulas de artes possam transformar “a aula” em algo prazeroso” (“C”), “Que melhore” (“E”).

Estas afirmações possibilitam pensar que, as formações continuadas de qualidade em Arte, propiciam aos professores que estão atuando há anos na disciplina, um aprimoramento de conceitos e práticas essenciais ao seu fazer/saber pedagógico. Não se pode dizer que o professor que não tem formação específica na área de Arte, tenha desenvolvido as mesmas pesquisas, aprofundamentos teórico/práticos e procedimentais no fazer/saber pedagógico em relação a um que tenha a formação.

Pelo contrário, reconhece-se a importância do profissional com formação específica, a qual nem sempre garante a qualidade de ensino/aprendizado, porque o comprometimento didático do professor varia de acordo com cada indivíduo. Na rede pública de ensino, seja estadual ou municipal, é essencial que nas escolas, além das competências, habilidades e formação, gestor e professor estejam juntos e em constante diálogo, na responsabilidade da construção de uma educação através da Arte de qualidade.

A respeito dos profissionais que estão atuando na disciplina Arte, sem formação necessária, é preciso que haja maiores intervenções formativas para os mesmos. Do contrário, continuará se perpetuando a visão de Arte, como acessório útil ou mero entretenimento inútil, transformando o ambiente escolar em reprodutor de conceitos e práticas descontextualizados com a contemporaneidade do ensino de Arte.

A Tabela 1 resume a quantidade de escolas, professores entrevistados, faixa etária (NR – Não Respondeu), formação em graduação e as principais dificuldades encontradas.

Tabela Entrevistas GT Ensino de Artes NUTEPP					
Escolas	Quantidade de professores entrevistados/Experiência	Sexo	Faixa etária	Formação	Principais dificuldades
1	1 – 26 anos/ 2 – 2 anos	F	32 e 46	1 - Geografia/ 2 - Letras (port/inglês) e Pós em Psicopedagogia	Falta de material, falta de estudo sobre Artes
2	10 anos	F	NR	Pedagogia	Falta de material, não tem sala de Artes
3	2 anos	F	NR	História	Não tem material, falta professor da área
4	1 - 18 anos/ 2 - polivalente	F	NR 37	1 - Pedagogia e pós-graduação/ 2 - Geografia	Falta de professor com habilidade na área
5	03 anos	M	43	Letras (Português)	Não tem laboratório de Artes, Futuro incerto
6	01 ano	F	25	História	Falta materiais, Futuro incerto
7	1 - 06 anos 2 - 02 anos	M F	NR	1 e 2 - História	Acredita que a disciplina será extinta do currículo escolar
8	Polivalente	F	37	Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia	Não tem sala para Artes
9	04 anos	F	27	Letras	" disciplina de Artes ainda está muito 'jogada'"

Tabela 1 Dados encontrados - Escolas da Rede Estadual: 1, 2, 6 e 7, escolas da Rede Municipal: 3, 4 e 5, 8 e 9

Assim como Lavelberg (2006), acredita-se que seria indispensável na atuação do professor de Arte, dominar os processos de criação, construir um percurso cultivado, ou seja, informado pela cultura, que requer um professor orientador, que incentive a produção, ensine os caminhos da criação e solicite do aluno envolvimento e constância. A didática construída cotidianamente pelo professor é alimentada pela sua atualização permanente, necessária para ter familiaridade com o universo procedimental e teórico da Arte.

De acordo com Barbosa (2009), é necessário e urgente que os profissionais que lecionam a disciplina Arte, reconheçam e discutam com os alunos, os outros professores e a comunidade ao redor das instituições educacionais, esta área que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado, e se expande, diante da globalização e da expansão dos territórios de produção, reprodução e consumo, procurando tornar a Arte patrimônio da maioria dos indivíduos e elevando o nível de consciência artístico/cultural da população.

Considerações finais

De acordo com o que foi possível apreender das entrevistas, pode-se inferir que o ensino de artes nas escolas estudadas em Petrolina, conta com profissionais que necessitam urgentemente de uma formação continuada para a atividade dessa disciplina, em prática pedagógica contemporânea.

Observa-se também um total descaso em relação ao ensino da disciplina Arte, que mais parece ficar em outros planos diante dos setores de gestão educacional. Sendo relacionado por aqueles que lecionam a disciplina como passatempo, brincadeira ou lazer. Este entendimento nos faz pensar que a arte não deve somente ficar presente na legislação, é preciso que se torne realidade sendo uma preocupação que move todos aqueles que estudam e pesquisam o ensino/aprendizagem em arte.

Enfim, neste estudo entendeu-se que a escola precisa iminentemente revisar o seu papel transformadora social através da inclusão efetiva e prática do ensino da arte, como Hernandez (2000) explicita, sendo necessário, pelas instituições educacionais, o livramento da ideia de que são meras transmissoras de conteúdo e que possam ser verdadeiras instituições sociais: ajudando aos que passam por ela a olhar criticamente para o mundo do qual fazem parte, como sujeitos históricos e cidadãos e aos professores, possibilitarem a disciplina Arte como problematizadora, crítica e contextualizadora das narrativas artísticas que os indivíduos produzem e estão inseridos.

Referências

BARBOSA, A. M. Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte: anos 80 e Novos Tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ESTEVAM, J. Z. ; SALOME, J. S. O ensino da arte e a superação do apartheid cultural. Pedagogia em debate, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 97-106, 2003.

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VASCONCELOS, Flávia Maria de Brito Pedrosa. Narrativas Históricas e Concepções Metodológicas do Ensino de Arte no Brasil: um olhar para o ensino de artes visuais em Juazeiro e Petrolina. In: Anais do XX Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil, CONFAEB. Goiânia, GO: FAV/UFG, 2010

ZANINI, Walter. Arte e história da arte. In: Estudos avançados, ECA/USP. São Paulo: Ed. USP, 1994.